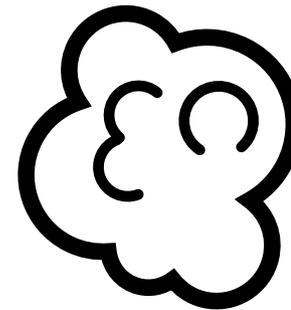




Jaroslav Hašek

OS DESTINOS DO BOM
Soldado Švejk

DURANTE
A GUERRA MUNDIAL



Tradução e notas de
Lumir Nahodil

Coordenador da colecção
Ricardo Araújo Pereira

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M X I I

ÍNDICE



DG Educação e Cultura

Programa «Cultura»

Projecto financiado com o apoio da Comissão Europeia.

A informação contida nesta publicação vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.

© 2012, Edições tinta-da-china, Lda.

Rua João de Freitas Branco, 35 A

1500-627 Lisboa

Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30

E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *Osudy dobrého vojáka Švejka za světové války*

Originalmente publicado em 1923.

Título: *O Bom Soldado Švejk*

Autor: Jaroslav Hašek

Ilustrações: Josef Lada

Tradução, notas e prefácio à tradução: Lumir Nahodil

Coordenador da colecção: Ricardo Araújo Pereira

Revisão: Tinta-da-china

Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Dezembro de 2012

ISBN 978-989-671-141-2

Depósito Legal n.º 351514/12

Prefácio à tradução 7

PRIMEIRA PARTE

Longe da linha

1. <i>A intervenção do bom soldado Švejk na Guerra Mundial</i>	15
2. <i>O bom soldado Švejk no governo civil</i>	28
3. <i>Švejk perante os médicos-legistas</i>	38
4. <i>Švejk expulso do manicómio</i>	46
5. <i>Švejk no comissariado de polícia da Rua Salmova</i>	53
6. <i>Švejk de regresso a casa, tendo rompido o círculo vicioso</i>	62
7. <i>Švejk vai para a tropa</i>	74
8. <i>Švejk feito simulador</i>	82
9. <i>Švejk na guarnição</i>	101
10. <i>Švejk feito impedido do capelão militar</i>	124
11. <i>Švejk vai rezar uma missa campal com o capelão militar</i>	154
12. <i>Um debate religioso</i>	165
13. <i>Švejk vai administrar a extrema-unção</i>	173
14. <i>Švejk feito impedido do primeiro-tenente Lukáš</i>	190
15. <i>O descalabro</i>	240
Posfácio à primeira parte	255

SEGUNDA PARTE

Na frente de combate

1. <i>Os contratempos de Švejk no comboio</i>	261
2. <i>A anábase budoviciense de Švejk</i>	286
3. <i>Os percalços de Švejk em Király-Hida</i>	366
4. <i>Novos tormentos</i>	436
5. <i>De Most nad Litavou até Sokal</i>	465

TERCEIRA PARTE

O magno enxerto de porrada

1. *Por terras magiães* 523
2. *Em Budapeste* 595
3. *De Hatvan até à fronteira da Galícia* 661
4. *Para a frente! Marche!* 720

QUARTA PARTE

A continuação do magno enxerto de porrada

1. *Švejk num transporte de prisioneiros russos* 781
2. *Consolação espiritual* 812
3. *Švejk de volta à sua companhia de marcha* 823

NOTAS BIOGRÁFICAS

- Jaroslav Hašek 875
Josef Lada 879

PREFÁCIO À TRADUÇÃO

por Lumir Nabodil

Já tenho saudades do Švejk. Após longos e atribulados meses de uma convivência intensa e quase diária, o andar natural destas coisas arrancou-me bruscamente dos braços este «menino» apenas nascido. O sentimento de perda foi tal que, durante as primeiras duas semanas, só consegui tratar do estritamente obrigatório. No entanto sei que está vivo e, segundo tudo indica, de boa saúde, agora que nasceu, ou renasceu, se preferirmos, para desbravar o imenso espaço cultural lusófono. A partir daqui terá de fazer o seu percurso pelos seus próprios meios, e penso que o fará bem, fazendo novas amizades e chegando são e salvo a lugares nunca antes imaginados, nem pelo próprio autor.

Trabalhei com base na décima segunda edição em dois volumes de cerca de 480 páginas cada, editada em 1946 por Karel Synek. A bem dizer, a obra de Hašek termina na página 333 do segundo volume. Mas isso é outra conversa. Inspirava-me maior confiança esta edição, mais próxima da data da primeira edição — posterior à ocupação nazi e anterior à tomada de poder comunista — do que outra que tinha à disposição, publicada em 1990, numa tiragem de cem mil exemplares. E de facto as diferenças surgem, quase sempre em desfavor da edição mais recente. Na inexistência de um dicionário à altura da empreitada, fui criando o meu próprio, em parte por triangulação através do alemão, mas sobretudo, em termos latos, com recurso à minha própria vivência. Serão várias as pessoas que me foram e continuam a ser próximas e que aqui encontrarão expressões suas. É também forma de lhes prestar homenagem.

Não diz mentira nenhuma quem designa o Švejk (pronúncia: «xeveique») por «obra humorística» ou «romance picaresco». Mas, tal como acontece com frequência, nem tão-pouco diz toda a verdade. Há mais. Como dizia o Professor João Medina, num dos pontos altos do meu percurso de aprendiz académico, «o Švejk é um daqueles

livros em que metade da vida é explicada, sendo que a outra metade é a própria vida que explica.» E prosseguia: «Se fosse eu a pessoa responsável por essas coisas, cada aluno da Faculdade de Letras de Lisboa receberia, junto com o boletim de matrícula, um exemplar do valente soldado Švejk.» Agora já se pode realizar este louvável e filantrópico propósito, aposta mais certa que ousada para o bem-estar das gerações vindouras.

Livros humorísticos há mais que chapéus, especialmente nos tempos que correm. Já pouca gente os usa, os chapéus. O que é certo é que aqui o humor, por vezes despropositado, hilariante, anarquizante, não é um fim em si. É tanto um meio de lidar com algo de insuportável que de momento nos sentimos incapazes de alterar — não é por nada que o melhor humor nasce em períodos que por si só têm bastante pouca piada, pela violência física, mental e institucional que os caracteriza —, como (paradoxalmente, à semelhança de muitas outras grandes verdades) serve para ir subvertendo a inabalável ordem estabelecida. E para ir sobrevivendo, ao mesmo tempo, embora muitas vezes seja mesmo à justa.

Não será despropositado lembrar que a acção do Švejk se inscreve numa época em que artistas como George Grosz, Ricardo Reis ou Franz Kafka se insurgiam contra a administração mecanizada, o contabilismo que ainda hoje assola as nossas vidas, e a guerra industrializada. Pela abordagem, o Švejk constitui, até certo ponto, um contraponto a Franz Kafka, mas o desassossego é o mesmo: «Peço obedientemente o seu perdão, senhor primeiro-tenente. Por que é que nunca fico a saber qual foi a coisa terrível que fiz?» No entanto, contrariamente aos heróis de Kafka, longe de se render ao desespero, o de Hašek ainda sai da experiência fortalecido: «Tinha respeito por si próprio. Não é todos os dias que uma pessoa faz algo de tão terrível que jamais pode ficar a saber o que foi.»

Por vezes Hašek limita-se a descrever, sem comentar, determinadas observações e ocorrências, não raro de uma violência atroz. São momentos em que a alma se nos gela de incompreensão e de repúdio, especialmente se nos ocorrer que tudo aquilo se passa a escassos vinte anos da subida dos nazis ao poder. Já se identificam alguns dos elementos da banalidade do mal que se avizinha. Outros momentos há onde brinda o leitor com considerações filosóficas e pérolas

de sabedoria de uma profundidade inesperada. Pelo caminho ainda aproveita para nos dar uma ideia da manta de retalhos de etnias e grupos linguísticos que foi o império austro-húngaro.

No contexto militar impera o alemão. O próprio autor adverte que «todos os diálogos entre oficiais decorrem evidentemente em alemão.» E, sobretudo, quando os militares se encontram com o mundo civil que os rodeia, abundam as situações em que dois indivíduos provenientes de fundos linguísticos diversos, dizendo a mesma coisa, não estão a falar da mesma coisa, ou então não se entendem de todo. Além do checo e do alemão, e uma coisa ou outra nalgum dialecto minoritário, aparece sobretudo uma pitada de húngaro, em boa parte dos casos bastante apimentada, e, para o final do livro, em russo, tendência que se reforça nas duas partes e meia, não contidas nesta edição, em que Karel Vaněk — que também consta do livro como um dos personagens, na qualidade de segundo-sargento contabilista — prolonga a obra de Hašek até ao final da guerra. Resta dizer que na maioria das vezes o termo «alemão», quando se fala de indivíduos, não diz respeito a sujeitos do *Kaiser*, mas a pessoas cuja língua materna é o alemão, quer se trate de austríacos germanófonos, quer de membros da então numerosa minoria alemã da Boémia.

Nada disto estaria minimamente completo sem uma pequena observação sobre o nome do nosso herói. Švejk, embora raro, existe como nome de família checo e é plausível enquanto tal, embora em checo não tenha significado aparente. Segundo o meu pai sempre afirmou, seria uma referência ao carácter, digamos, de grande conversador de Švejk, derivando da resposta à sua tagarelice, nomeadamente por parte dos seus superiores militares. Em alemão «*schweig!*» quer dizer «cala-te!». No entanto, uma pesquisa inadvertida na internet ainda me abriu outro filão não menos interessante. Em faroês, «*svæk*» é a primeira e a terceira pessoa do pretérito do verbo «*svikja*»: enganar, levar à certa, defraudar. Teria Hašek ido buscar uma inspiração tão distante? Ou teria sido ao contrário?

Finalmente, oferece-se dizer algumas palavras sobre o modo como o livro foi redigido, ou, ao que parece, ditado, com tudo o que isso implica. Segundo reza o meu ilustre conterrâneo checoslopotuguês, Jorge Listopad, por coincidência ou não neto e sobrinho dos editores do Švejk, Adolf e Karel Synek, Hašek tinha com estes um

contrato no sentido de entregar todas as semanas um determinado número de páginas, salvo erro dezasseis, visto que inicialmente o livro saía em fascículos. Como a sua vida um tanto agitada nem sempre lhe deixava vagar para dar conta da tarefa ao longo da semana, quando Hašek ia à editora receber a semanada, fazia-se fechar num quarto até produzir o quinhão švejkiano em falta. E, nos casos mais felizes, a necessidade aguça o engenho... É ocasião para se dizer, como o fez Brecht no *Tao Tê King*: «Por vezes ao sábio ainda se tem de arrancar a sua sabedoria.» O que, também desta feita, valeu amplamente a pena.

PRIMEIRA PARTE

Longe da linha

Um grande tempo clama por homens grandes. Há heróis incógnitos, gente humilde, sem a glória e a história de Napoleão. A análise do seu carácter, porém, ensombraria até a fama de Alexandre da Macedónia. Hoje podeis encontrar, nas ruas de Praga, um homem de aspecto mal-amanhado, e nem ele próprio sabe o que representa na história do novo grande tempo. Segue modestamente o seu caminho, não incomoda ninguém, nem é, ele próprio, incomodado por jornalistas que lhe peçam entrevistas. Se lhe perguntásseis como se chama, responderia com toda a simplicidade e modéstia: «Sou o Švejk...»

E este homem mal-amanhado, sossegado e humilde é realmente esse bom e velho soldado Švejk, heróico e valente, que outrora, nos tempos da Áustria, andou nas bocas de todos os cidadãos do Reino da Boémia, e cuja reputação nem na República há-de empalidecer.

Gosto muito do bom soldado Švejk, e, à medida que vos desvendar os seus destinos durante a Guerra Mundial, estou convencido de que todos ireis simpatizar com este herói incógnito. Ele não pegou fogo ao templo da deusa em Éfeso, como o fez esse parvo do Heróstrates, a ver se ia parar aos jornais e aos manuais escolares.

E isso basta.

O Autor

A intervenção do bom soldado Švejk na Guerra Mundial

— Com qu'então mataram-nos o Ferdinando¹ — disse a mulher-a-dias ao senhor Švejk, que, tendo há anos abandonado o serviço militar, depois de definitivamente ser declarado idiota pela junta médica militar, ganhava o seu sustento com a venda de cães, feios monstros de sangue impuro, aos quais ele falsificava as árvores genealógicas.

Além desta ocupação, estava atacado pelo reumatismo, e naquele preciso momento untava os seus joelhos com opodeldoque.

— Qual Ferdinando, senhora Müllerová? — inquiriu Švejk sem parar de massajar os joelhos. — Eu conheço dois Ferdinandos. Um é servente no droguista Průša e uma vez bebeu-lhe por engano um frasco de pomada para o cabelo, e depois ainda conheço o Ferdinando Kokoška, aquele que anda a apanhar os cagalhotos dos cães. Nem um nem outro fazem falta.

— Mas vossemecê... O senhor arquiduque Ferdinando, aquele de Konopiště², esse gordo, beato.

— Jesus Maria — exclamou Švejk, — isso é óptimo! E onde é que tal aconteceu ao senhor arquiduque?

— Deram-lhe um tiro em Sarajevo, senhor Švejk, de revólver, sabe. Estava a passar por lá de automóvel com essa sua arquiduquesa.

— Pois então vejamos bem, senhora Müllerová, de automóvel. Pois é, um senhor desses tem posses para tanto e nem lhe vem à cabeça que uma corrida dessas pode acabar de maneira infeliz. E ainda para mais em Sarajevo, senhora Müllerová, isso é na Bósnia. Devem ter sido os turcos. Lá está, não lhes devíamos ter tirado a Bósnia e a Herzegovina³.

¹ Em 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, sobrinho do imperador da Áustria, foi assassinado, juntamente com a sua mulher, em Sarajevo, por Gavrilo Princip, nacionalista sérvio.

² Palácio a cerca de quarenta quilómetros de Praga, último domicílio deste herdeiro da coroa austro-húngara.

³ Após a guerra entre a Rússia e a Turquia (1877-8), a Áustria-Hungria ocupou a Bósnia e a Herzegovina. Estes territórios permaneceram sob suserania turca até 1908, ano em que a Áustria-Hungria os anexou.

Ora veja bem, senhora Müllerová. Pois então o senhor arquiduque já está com Deus Nosso Senhor. Passou muito tempo a sofrer?

— O senhor arquiduque ficou logo arrumado, senhor Švejk. Sabe, com um revólver não se brinca. Outro dia também um senhor aqui em Nusle¹ andou a brincar com um revólver, e abateu toda a família mais o porteiro, que tinha vindo ver quem andava aos tiros lá no terceiro andar.

— Revólveres há, senhora Müllerová, com que a senhora não dá um tiro nem que faça o pino. Há muitos assim. Mas para o senhor arquiduque de certeza que foram comprar qualquer coisa melhor, e também apostava, senhora Müllerová, que esse homem que o fez se vestiu a condizer com a ocasião. Pois, sabe, abater um arquiduque é um trabalho muito difícil, não é como quando um caçador furtivo dá um tiro ao guarda-florestal. Aqui a questão é como chegar perto dele. A senhora não pode ir à caça de um senhor daqueles vestida com uns farrapos quaisquer. Tem de ir de cartola, para não ser presa por um polícia antes de lá chegar.

— Dizem que foram vários, vossemecê.

— Isso vai de si, senhora Müllerová — disse Švejk, acabando de massajar os joelhos, — se a senhora quisesse matar o senhor arquiduque ou o Imperador, nosso Senhor, certamente ia aconselhar-se com alguém. Mais gente tem mais juízo. Este aconselha isto, outro, aquilo, e depois a obra nasce, tal como no nosso hino. O mais importante é apanhar aquele momento exacto em que um senhor desses vem a passar. Foi como, se bem se lembra, esse senhor Luccheni, que furou a nossa pobre Elisabeth², que Deus tem, com a tal lima. Andava a passear com ela. Depois vá-se lá acreditar em alguém; desde essa altura, nenhuma imperatriz vai passear. E o mesmo ainda está reservado para muitas pessoas. E vai ver, senhora Müllerová, que ainda vão chegar perto do próprio czar e da czarina, e pode ser mesmo que apanhem o próprio Imperador, nosso Senhor, já que começaram pelo seu tio³. O velho senhor tem muitos inimigos. Ainda mais do que esse Ferdinando. Como recentemente dizia um senhor na cervejaria, há-de vir o tempo em que esses imperadores vão cair que nem uns tordos, e nem o ministério

¹ Bairro proletário de Praga.

² Luigi Luccheni, anarquista que em 1898 assassinou a Imperatriz Elisabeth da Baviera, mais conhecida por Sissi.

³ Francisco Ferdinando era, na verdade, sobrinho do imperador.

público lhes vai valer. Depois não tinha como pagar a despesa e o dono da cervejaria teve de o mandar prender. E ele deu um tabefe ao dono da cervejaria e dois ao guarda. Depois levaram-no de carroça a ver se ganhava juízo. Pois é, senhora Müllerová, hoje acontece cada uma. Isto é mais um golpe daqueles para a Áustria. Quando andei na tropa, havia lá um soldado de infantaria que matou a tiro o capitão. Carregou a espingarda e foi até à secretaria. Lá, disseram-lhe que não tinha nada que estar por ali, mas ele manteve a sua, que tinha de falar com o senhor capitão. Esse tal capitão veio cá para fora e logo o pôs de castigo. Este agarrou na espingarda e espetou-lhe um tiro direitinho no coração. A bala saiu pelas costas do senhor capitão e ainda causou prejuízo na secretaria. Partiu um frasco de tinta e esta derramou-se sobre actas de serviço.

— E o que aconteceu a esse soldado? — inquiriu a senhora Müllerová passado um bocado, enquanto Švejk se vestia.

— Enforcou-se num suspensório — disse Švejk, enquanto tirava o pó ao chapéu de coco. — E esse suspensório nem sequer era dele. Pediu-o emprestado ao chefe dos guardas, dizendo que lhe estavam a cair as calças. Havia de esperar que o fuzilassem? Sabe, senhora Müllerová, numa situação dessas uma pessoa fica com a cabeça a andar à roda. O chefe dos guardas foi despromovido por essa brincadeira e apanhou seis meses. Mas não os cumpriu. Fugiu para a Suíça e hoje faz lá de pregador de uma igreja qualquer. Hoje há pouca gente honesta, senhora Müllerová. Eu estou convencido de que também o senhor arquiduque em Sarajevo se enganou acerca desse homem que o abateu. Viu um senhor qualquer e pensou para si: este é com certeza um homem às direitas, se me está a dar vivas. E na volta esse senhor deu-lhe um tiro. Deu-lhe um ou vários?

— Segundo escrevem no jornal, o senhor arquiduque ficou que nem um crivo, senhor Švejk. O homem despejou nele todas as balas.

— Isso faz-se num instantinho, com uma rapidez assustadora. Para um assunto desses eu comprava uma *browning*. Parece um brinquedo, mas com aquilo a senhora Müllerová consegue abater vinte arquidukes em dois minutos, quer sejam magros ou gordos. Embora, cá entre nós, se acerte mais facilmente num arquiduque gordo do que num arquiduque magro. Se bem se lembra daquela vez em Portugal, deram um tiro no rei. Esse também era gordo como o outro. Pois

já se sabe que um rei não há-de ser magro. Eu agora vou à cervejaria O Cálice¹, e se alguém vier aqui por causa desse rateiro pelo qual já recebi um sinal, diga-lhe que o tenho no meu canil da aldeia, que recentemente lhe aparei as orelhas e que agora só pode ser transportado quando as orelhas sararem, para não apanharem frio. Pode deixar-me a chave na porteira.

N'O Cálice estava sentado um único freguês. Era o guarda à civil Bretschneider, ao serviço da polícia de estado. O dono da cervejaria, o senhor Palivec, estava a lavar a tampa dos copos de cerveja e o Bretschneider tentava em vão encetar uma conversação séria com ele.

O Palivec era conhecido pela sua ordinarice, sendo uma em cada duas palavras que proferia ou foda-se, ou caralho. No entanto, era versado em literatura e chamava a atenção de todos para o que sobre o assunto em apreço tinha escrito Victor Hugo ao descrever a última resposta da velha guarda de Napoleão aos ingleses na batalha de Waterloo.

— Está um belo Verão — continuava Bretschneider, tentando encetar a sua conversação séria.

— Isto não vale um caralho — respondeu Palivec ao arrumar as tampas no armário dos vidros.

— Lá em Sarajevo fizeram-nos boa — fez-se ouvir Bretschneider, com pouca esperança.

— Qual «Sarajevo»? — inquiriu Palivec. — Naquela casa de vinhos em Nusle? Ali andam à porrada dia sim, dia sim. Já sabe como é Nusle.

— Na Sarajevo da Bósnia, patrão. Mataram lá a tiro o arquiduque Ferdinando. O que diz a isso?

— Eu não me meto nesse tipo de coisas, com isso quero que todos se fodam — respondeu Palivec educadamente, enquanto acendia o cachimbo. — Meter-se em coisas dessas hoje em dia pode partir o pescoço a qualquer um. Sou um profissional liberal, se alguém vier e pedir uma cerveja, eu tiro-lha. Mas qualquer Sarajevo, política ou arquiduque defunto não é para gente como nós. Isso só cheira aos calabouços de Pankrác.

¹ No original: U kalicha. Literalmente: Junto do cálice. Ao longo do livro, são frequentes os nomes de cervejarias e afins começados por «u», que corresponde ao francês «chez» ou «du/de la». Quando depois do «u» vem o nome de uma família (com letra inicial maiúscula), a correspondência passa a ser «Cervejaria Fulano» ou «Os Fulanos».



Bretschneider emudeceu e, desiludido, passou em revista a cervejaria deserta.

— Aqui costumava estar pendurado um quadro do Imperador, nosso Senhor — voltou a fazer-se ouvir ao fim de um bocado. — Precisamente onde agora está o espelho.

— Pois aí tem razão — respondeu o senhor Palivec, — estava ali pendurado e cagavam nele as moscas, por isso guardei-o no sótão. Sabe como é, ainda alguém poderia permitir-se um comentário, e podiam vir daí ralações. E eu preciso disso?

— Lá em Sarajevo as coisas devem ter sido feias, patrão.

A esta pergunta insidiosamente directa, o dono da cervejaria retorquiu de um modo inauditamente cauteloso:

— Por esta altura, na Bósnia-Herzegovina costuma estar um calor abrasador. Quando estive lá a fazer o serviço militar, tinham de pôr gelo na cabeça do nosso primeiro-tenente.

— Em que regimento serviu, patrão?

— Dum pormenor desses não me lembro, eu nunca me interessei por tais ninharias e nunca tive curiosidade alguma em sa-

ber — respondeu o senhor Palivec. — Demasiada curiosidade traz prejuízo.

O guarda à civil Bretschneider emudeceu de vez e a sua expressão soturna apenas melhorou com a chegada de Švejk, que, mal entrou no estabelecimento, pediu uma cerveja preta com a observação:

— Em Viena hoje também estão de luto.

Os olhos de Bretschneider iluminaram-se de esperança; atirou laconicamente:

— Em Konopiště há dez estandartes negros.

— Haviam de ser doze — disse Švejk, depois de despejar um generoso trago de cerveja.

— Por que acha que deveriam ser doze? — inquiriu Bretschneider.

— Para que seja um número redondo, uma dúzia, que é mais fácil de contar e à dúzia sempre sai mais barato — respondeu Švejk.

Instalou-se um silêncio que o próprio Švejk interrompeu com o desabafo:

— Pois então, já lá está, ele, com Deus Nosso Senhor, que Deus permita que a sua glória seja eterna. Tanto esperou e nem sequer a imperador chegou. Quando eu cumpria o serviço militar, um general caiu do cavalo e matou-se na maior das calmas. Quiseram ajudá-lo a montar novamente no cavalo, a sentar-se na sela, e ficaram admirados por ele estar completamente morto. E também ele devia ser promovido a marechal de campo. Aconteceu numa revista às tropas. Estas revistas nunca levam a nada de bom. Em Sarajevo também havia uma revista qualquer. Lembro-me de que uma vez, numa revista dessas, me faltaram vinte botões na farda e de que me meteram na solitária durante quinze dias e de que passei dois dias deitado como Lázaro, todo atadinho. Mas a disciplina tem de ser, na tropa, senão ninguém ligava a nada. O nosso primeiro-tenente Makovec dizia-nos sempre: «Rapaziada, a disciplina tem de ser, meus palermas, senão vocês andavam em cima das árvores que nem uns macacos, mas a tropa vai fazer de vós gente, meus parvalhões obtusos.» E não é verdade? Imagine um parque público, digamos no Largo do Carlos, rei da Boémia, e em cima de cada árvore estava um soldado sem disciplina. Nunca houve coisa que me metesse mais medo.

— Lá em Sarajevo — prosseguia Bretschneider, — quem fez aquilo foram os sérvios.

— Aí está enganado — respondeu Švejk. — Foram os turcos, por causa da Bósnia-Herzegovina.

E Švejk expôs a sua perspectiva da política internacional da Áustria nos Balcãs. Os turcos perderam no ano de 1912 com a Sérvia, a Bulgária e a Grécia. Quiseram que a Áustria lhes acudisse e, quando isso não aconteceu, deram um tiro ao Ferdinando.

— Gostas dos turcos? — voltou-se Švejk para Palivec, o dono da cervejaria. — Gostas desses cães infiéis? Não gostas, pois não?

— Para mim um freguês é igual ao outro — disse Palivec, — nem que seja turco. Para nós, profissionais liberais, não há cá políticas. Paga a tua cerveja, fica sentado na cervejaria e ballucia o que quiseres. É este o meu princípio. Se quem fez aquilo ao Ferdinando foi sérvio ou turco, católico ou maometano, anarquista ou jovem checo, eu quero lá saber.

— Muito bem, senhor cervejeiro — fez-se ouvir Bretschneider, que estava novamente a perder a esperança de poder apanhar alguma coisa àqueles dois, — mas admita que é uma grande perda para a Áustria.

Em vez do dono da cervejaria, respondeu Švejk:

— Lá uma perda é, não há como negá-lo. Uma perda terrível. Não se pode substituir o Ferdinando por um parvo qualquer. Só é pena não estar ainda mais gordo.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Bretschneider, recobrando ânimo.

— O que quero dizer com isso? — ripostou Švejk num tom satisfeito. — Tão-só e apenasmente o seguinte: se estivesse mais gordo, certamente já lhe tinha dado uma coisa mais cedo, quando andava a correr atrás dessas velhas em Konopiště que andavam a apanhar graveto e cogumelos lá na coutada dele, e tinha escusado de morrer de uma morte tão deplorável. Só de pensar, o tio do Imperador nosso Senhor, e eles matam-no a tiro. Pois é uma vergonha, os jornais não falam doutra coisa. Lá em Budějovice, há uns anos, esquearam no mercado, num pequeno desentendimento qualquer, um negociante de gado, um tal Břetislav Ludvík. Esse tinha um filho chamado Bohuslav e, onde ele chegava para vender porcos, ninguém lhe comprava nada e todos diziam: «Este é o filho do tal esfaqueado, também deve ser boa peça.» Ele teve de saltar, em Krumlov, daquela ponte

sobre o Rio Vltava, e eles tiveram de o ir tirar à água, tiveram de o reanimar, tiveram de lhe bombear a água dos pulmões, e ele teve de entregar a alma ao Criador nos braços de um médico, quando este lhe deu uma injeção qualquer.

— O senhor arranja cá umas estranhas comparações — disse Bretschneider com ar de caso. — Primeiro fala do Ferdinando e a seguir de um negociante de gado.

— Nem por isso — justificava-se Švejk. — Deus me proteja e guarde de eu querer comparar alguém com alguém. O senhor cervejeiro conhece-me. Não é verdade que nunca comparei ninguém com ninguém? Eu só não gostaria de estar na pele da viúva do arquiduque. O que vai ser agora da sua vida? Os filhos estão órfãos, a herdade em Konopiště está sem dono. E casar-se de novo com algum outro arquiduque? O que ganha com isso? Volta a ir a Sarajevo e fica viúva segunda vez. Em Zliva, perto de Hluboká, havia um guarda-florestal que tinha um nome um tanto feio, chamava-se Pisso. Foi abatido por uns caçadores furtivos e deixou uma viúva com duas criancinhas; esta, um ano mais tarde, casou-se novamente com um guarda-florestal, o Pepík Ševla de Mydlovary. E mataram-no também. Depois casou-se pela terceira vez, também desta com um guarda-florestal, e disse: «Todas as boas coisas são três. Se não resultar desta, já não sei o que faça.» Já se sabe que lho mataram outra vez, e por essa altura já tinha um total de seis filhos com esses guardas-florestais. Até foi à chancelaria do senhor príncipe de Hluboká e queixou-se de que os guardas-florestais só lhe davam desgostos. Então recomendaram-lhe o guarda de pesca Jareš, da fortaleza de Ražice. E, como tinha de ser, afogaram-lho ao pescarem o viveiro, e ela teve com ele dois filhos. Depois, casou-se com um capador de Vodňany, e esse uma noite deu-lhe com o machado e foi entregar-se voluntariamente às autoridades. Quando depois estavam a enforcá-lo no tribunal da comarca de Písek, arrancou o nariz do padre à dentada e disse que não lamentava coisíssima nenhuma, e também ainda disse uma coisa muito feia do Imperador, nosso Senhor.

— E sabe o que ele disse? — perguntou Bretschneider com a voz repleta de esperança.

— Isso não lhe posso dizer, porque ninguém se atreveu a repeti-lo. Mas dizem que foi algo tão horrendo e terrível, que um conselheiro do



tribunal que assistiu à ocorrência se passou da cabeça de tal forma que ainda hoje o mantêm em isolamento para que nada se saiba. Aquilo não foi só uma ofensa comum ao imperador, daquelas que se fazem quando se está com a bebedeira.

— E que ofensas ao Imperador, nosso Senhor, se fazem quando se está com a bebedeira? — inquiriu Bretschneider.

— Por favor, meus senhores, virem a página — fez-se ouvir Palivec, o dono da cervejaria. — Sabem que não gosto deste tipo de conversa. Palavra puxa palavra, e no fim uma pessoa arrepende-se.

— Que ofensas ao Imperador, nosso Senhor, se fazem quando se está com a bebedeira? — repetiu Švejk. — Todas e mais algumas. Apanhe uma bebedeira, peça para lhe tocarem o hino austríaco, e vai ver o que se põe a dizer. Vai lembrar-se de tantas por conta do Imperador que, se apenas metade delas fossem verdade, seria suficiente para ele ficar envergonhado o resto da vida. Mas na realidade o velho senhor não merece nada disso. Veja só o seguinte. O filho Rodolfo¹, perdeu-o na flor da idade, no auge das suas forças de varão. A mulher Elisabeth, furaram-lha com uma lima. E depois ele perdeu o Jan Ort, o irmão, imperador do México², morto a tiro numa fortaleza qualquer, encostado a uma qualquer parede. Agora, com a idade já avançada, abateram-lhe a tiro o tio. Uma pessoa tem de ter nervos de aço para aguentar tudo isto. E depois um homem qualquer apanha uma bebedeira e não se lembra de mais nada senão dizer mal dele. Se hoje rebentasse alguma coisa, eu ia de boa vontade e havia de servir o imperador até rebentar com o físico.

Švejk bebeu um trago de dimensões épicas e continuou:

— Por acaso pensa que o imperador deixa as coisas ficarem assim? Aí conhece-o mal. A guerra com os turcos tem de ser. Mataram-me o tio, ora toma disto que é doce. A guerra é inevitável. A Sérvia e a Rússia vão ajudar-nos nessa guerra. Vai ser uma hecatombe.

Nesse momento profético, Švejk tinha um aspecto magnífico. O seu rosto cândido, sorridente como a lua quando está cheia, brilhava com entusiasmo. Tudo lhe parecia muito claro.



— Pode ser — prosseguiu com o seu retrato do futuro da Áustria — que no caso de uma guerra com a Turquia os alemães nos ataquem, porque os alemães e os turcos são como unha e carne. São umas bestas que no mundo não há nada que lhes chegue perto. No entanto, podemos aliar-nos com a França, que desde o ano setenta e um tem certos assuntos a resolver com a Alemanha. E já estamos em casa. Lá guerra vai haver, mais não lhe digo.

Bretschneider pôs-se de pé e disse com ar de cerimónia:

— Mais não precisa de dizer, venha comigo ao corredor que lá lhe digo eu qualquer coisa.

Švejk saiu atrás do guarda à civil para o corredor, onde o esperava uma pequena surpresa quando o seu comparsa de cervejaria lhe mostrou a aguiazinha¹ e declarou que o ia prender e levar imediatamente para o governo civil. Švejk esforçou-se por explicar que o senhor devia estar enganado, que ele era absolutamente inocente, que não tinha pronunciado uma única palavra que pudesse ofender alguém.

Bretschneider, porém, disse-lhe que na realidade tinha cometido vários crimes, entre os quais figurava, além de outros, o crime de alta traição.

¹ Rodolfo, filho do imperador Francisco José e herdeiro do trono, morreu misteriosamente na sua propriedade de caça, Mayerling.

² O arquiduque Johann abdicou do seu título de Habsburgo e chamou-se a si mesmo Johann Orth. Ferdinando Maximiliano, irmão do imperador, foi coroado imperador do México. Em 1867, foi preso e executado.

¹ A águia bicéfala era o símbolo da segurança do estado austríaco.

Em seguida, Švejk regressou ao interior da cervejaria e disse ao senhor Palivec:

— Foram cinco cervejas e um *croissant* com salsicha. Agora dá-me ainda uma aguardente de ameixa e depois tenho de ir, que estou preso.

Bretschneider mostrou a aguiazinha ao senhor Palivec, passou alguns instantes a observar o dono da cervejaria e depois inquiriu:

— É casado?

— Sou.

— E pode a sua esposa gerir o seu negócio durante a sua ausência?

— Pode.

— Então está tudo em ordem — disse Bretschneider com alegria. — Chame a sua mulher, passe-lhe o testemunho e ao fim da tarde vimos cá buscá-lo.

— Não leves isto muito a peito — consolava-o Švejk, — eu só vou dentro por alta traição.

— Mas porquê eu? — lamentou-se o senhor Palivec. — Afinal tive tanto cuidado!

Bretschneider sorriu e disse com um ar vitorioso:

— Porque disse que as moscas estavam a cagar em cima do Imperador, nosso Senhor. Deixe lá que já lhe vão tirar o Imperador, nosso Senhor, da cabeça.

E Švejk abandonou O Cálice na companhia do guarda à civil Bretschneider, ao qual perguntou, quando já estavam na rua, mal atraíu a atenção deste com o seu sorriso bondoso:

— Devo descer do passeio?

— Como assim?

— Penso eu que, se estou detido, não tenho o direito de caminhar no passeio.

Ao passarem pelo portão do governo civil, Švejk comentou:

— Passou-se bem este bocadinho. Costuma ir à cervejaria O Cálice com frequência?

E, enquanto levavam Švejk para o gabinete de recepção, n'O Cálice o senhor Palivec entregava a gestão dos assuntos correntes à sua mulher lavada em lágrimas, consolando-a do modo que lhe era próprio:

— Não chores, não te lamente, o que me podem fazer por causa da merda do quadro do Imperador, nosso Senhor?

E foi assim que o bom soldado Švejk interveio na guerra mundial, com os seus modos amáveis e encantadores. Será de interesse para os historiadores constatar que o seu olhar alcançava um futuro longínquo. Se a situação evoluiu posteriormente de uma forma diferente da que ele conjecturara na cervejaria O Cálice, temos de levar em conta que Švejk não possuía qualquer formação em iniciação à diplomacia.

.2.
O bom soldado Švejk no governo civil

O atentado de Sarajevo encheu o governo civil de numerosas vítimas. Traziam-nas uma a seguir à outra, e o velho inspector no gabinete de recepção dizia, com a sua voz de bonacheirão:

— Esse Ferdinando vai sair-vos caro!

Quando o fecharam numa das várias divisões do primeiro andar, Švejk encontrou ali a companhia de seis pessoas. Cinco delas estavam instaladas à volta da mesa, e no canto um homem de meia-idade estava sentado num catre, como se andasse a evitar os restantes.

Švejk começou a inquiri-los, um após outro, acerca da razão pela qual estavam presos.

Dos cinco sentados à volta da mesa recebeu quase a mesma resposta:

— Por causa de Sarajevo!

— Por causa do Ferdinando!

— Por causa do assassinio do senhor arquiduque!

— Pelo Ferdinando!

— Porque despacharam o senhor arquiduque em Sarajevo!

O sexto, que evitava os outros cinco, disse que não queria ter nada a ver com eles, para não cair sobre si qualquer suspeita, e que só estava ali pela tentativa de assassinio de um pai de família de Holic, por ocasião de um assalto à mão armada.

Švejk sentou-se à mesa, na companhia dos conspiradores, que já estavam a contar uns aos outros pela décima vez como tinham ido ali parar.

Todos menos um foram apanhados ou numa cervejaria, ou numa casa de vinhos, ou num café. A excepção era um senhor invulgarmente gordo, de óculos, com os olhos inchados de chorar, que foi preso no seu apartamento, uma vez que dois dias antes do atentado de Sarajevo tinha pago na cervejaria O Brejšky a despesa de dois estudantes sérvios, técnicos, e foi visto bêbedo, na compa-

nhia deles, pelo detective Brixi, no «Montmartre» na Rua Řetězová, onde, como já confirmara com a sua assinatura no protocolo, também saldara a despesa deles.

Em resposta a todas as perguntas durante a instrução do processo no commissariado de polícia, ele choramingava de uma forma estereotipada:

— Eu tenho uma papelaria.

Perante isso, recebia uma resposta igualmente estereotipada:

— Tal não lhe serve de desculpa.

Um senhor baixinho, que tinha sido arrebatado de uma casa de vinhos, era professor de história e relatava ao dono do bar a história de diversos atentados. Foi preso no preciso momento em que terminava a análise psicológica de cada atentado com as palavras:

— A ideia do atentado é tão simples como o ovo de Colombo.

— Tal como a certeza de que o espera a penitenciária de Pankrác — o comissário de polícia completou o seu depoimento no interrogatório.

O terceiro conspirador era o presidente da associação de caridade Dobromil, de Hodkovičky. No dia em que foi cometido o atentado,



a associação Dobromil estava a dar uma festa ao ar livre com concerto. O cabo da guarda foi pedir aos participantes para dispersarem, porque a Áustria estava de luto, ao que o presidente do Dobromil disse, com um ar bonacheirão:

— Espere só um bocadinho até acabarem de tocar «Hej Slované»¹. Agora estava aqui sentado, cabisbaixo, e lamentava-se:

— Em Agosto temos novas eleições para a direcção. Se não estiver em casa até essa altura, pode acontecer que não seja eleito. Já sou presidente pela décima vez. Não vou sobreviver a essa vergonha.

Foi estranha a partida que o defunto Ferdinando pregou ao quarto detido, homem de carácter puro e reputação imaculada. Durante dois longos dias, tinha evitado qualquer conversação sobre o Ferdinando, até que ao serão no café, ao jogar *mariás*², ao matar o rei de bolotas com o sete de bolas do naipe dos trunfos, disse:

— Sete bolas como Sarajevo.

O quinto homem, que, como ele próprio dissera, estava preso «por causa do assassinio do senhor arquiduque em Sarajevo», ainda hoje tinha o cabelo e a barba eriçados de horror, de forma que a sua cabeça lembrava a de um *schmouzer*.

Esse homem, no restaurante onde fora preso, não proferira palavra, e nem sequer tinha lido no jornal a notícia da morte de Ferdinando. Estava sentado à mesa completamente só, quando um senhor qualquer veio ter com ele, se sentou à sua frente e disse rapidamente:

— Leu aquilo?

— Não li.

— Sabe daquilo?

— Não sei.

— E sabe de que se trata?

— Não sei, nem quero saber.

— Mesmo assim aquilo deveria interessar-lhe.

— Não sei, o que devia interessar-me? Eu fumo o meu charuto, bebo os meus vários copos, janto e não leio jornais. Os jornais mentem. Porque havia de me aborrecer?

¹ O hino não oficial de todos os eslavos.

² Jogo de cartas derivado de um jogo francês chamado *mariage*, muito comum nas mercearias.

— Sendo assim, nem sequer lhe interessa esse assassinio em Sarajevo?

— A mim não me interessa assassinio nenhum, quer seja em Praga, em Viena, em Sarajevo ou em Londres. Para isso existem as autoridades, os tribunais e a polícia. Se alguma vez nalgum lugar assassinam alguém, é bem feito, por que carga de água havia de ser palerma e descuidado a ponto de se deixar assassinar?

Foram estas as suas últimas palavras nessa conversação. A partir daí, já só repetia em voz alta, em intervalos de cinco minutos:

— Estou inocente, estou inocente!

Estas palavras, também as tinha gritado no portão do governo civil, também iria repeti-las quando fosse levado para o tribunal penal em Praga, e também haveria de ser com elas que acabaria por dar entrada na sua cela.

Depois de escutar todas estas terríveis histórias de conspiradores, Švejk considerou oportuno explicar-lhes o quanto a situação de todos eles era desesperada.

— Estamos todos em muito maus lençóis — iniciou o seu discurso de consolação. — Não é verdade quando vos dizem que aos senhores, a todos nós, nada de mal pode acontecer. Para que outra coisa serve a polícia senão para nos castigar pelas nossas bocas? Se estamos num tempo tão perigoso que matam arquiducos a tiro, não nos podemos admirar se nos levam para o governo civil. Tudo isto se faz pela pompa, para que o Ferdinando tenha publicidade antes do seu enterro. Quantos mais estivermos aqui, melhor para nós, porque nos divertiremos mais. Quando andei na tropa, às vezes estava metade da companhia presa. E quanta gente inocente foi condenada. E não foi só na tropa, mas também nos tribunais. Lembro-me de que uma vez foi condenada uma mulher por ter estrangulado os seus gémeos acabados de nascer. Embora jurasse que não podia ter estrangulado gémeos nenhuns, se lhe tinha nascido uma única filhinha e ela tinha conseguido estrangulá-la sem lhe causar a mínima dor, a mulher foi condenada por duplo homicídio. Ou esse cigano inocente em Záběhlce, que tinha arrombado uma mercearia no dia de Natal à noite. Jurou a pés juntos que tinha ido aquecer-se, mas de nada lhe serviu. Quando um tribunal pega nalguma coisa, está a coisa mal parada. Mas é que tem mesmo de estar mal parada. Talvez nem toda a gente seja tão pulha como se esperaria; mas como distingues hoje o

bonzinho do velhaco, especialmente hoje, num tempo tão sério em que o Ferdinando levou com um balázio? Pelas minhas bandas, quando andava a fazer o serviço militar em Budějovice, mataram a tiro, na floresta por detrás da parada, o cão do senhor capitão. Quando ele soube, chamou-nos a todos, pôs-nos em sentido e mandou que um em cada dez desse um passo para a frente. Como compreenderá, eu também fui um desses décimos, e assim lá estávamos a fazer continência¹ sem sequer pestanejar. O capitão andava à nossa volta e dizia: «Seus velhacos, seus patifes, seus sacanas, suas hienas malhadas, o que eu gostava de vos pôr a apodrecer em solitária por causa desse cão, de vos cortar às tiras, de mandar despejar em vós uns carregadores e de fazer de vós bacalhau à Brás. Mas para saberem que não irei poupar-vos, ponho-vos a todos de castigo por quinze dias.» Pois estão a ver, na altura tratava-se de um canito, e agora até se trata de um senhor arquiduque. E por isso tem de reinar o terror, para que o luto valha alguma coisa.

— Estou inocente, estou inocente — repetiu o homem eriçado.

— Jesus Cristo Nosso Senhor também estava inocente — disse Švejk, — e também o crucificaram. Nunca ninguém em parte nenhuma ligou alguma coisa a uma pessoa inocente. Calar o bico e continuar a servir!² Como nos diziam na tropa. É isso o melhor e o mais belo.

Švejk deitou-se na cama e adormeceu satisfeito.

Entretanto, trouxeram mais dois novos. Um deles era bósnio. Andava pelo quarto, rangia com os dentes, e uma em cada duas palavras que proferia era «*Jebenti dušu*»³. Atormentava-o a ideia de no governo civil lhe perderem a sua cesta de Gottschee.

O segundo novo hóspede era o dono da cervejaria, Palivec, que, ao enxergar o seu conhecido Švejk, o acordou e exclamou com a voz prenhe de sentido trágico:

— Ora, também já cá estou!

Švejk deu-lhe um aperto de mão sentido e disse:

— Fico muito contente. A sério. Eu sabia que esse senhor cumpriria a sua promessa quando lhe disse que o iam buscar. É bom que haja tanta precisão.

O senhor Palivec, porém, observou que tanta precisão não valia um caralho e, em voz baixa, perguntou a Švejk se os outros senhores

detidos não eram ladrões, pois enquanto profissional liberal isso poderia prejudicá-lo.

Švejk explicou-lhe que, exceptuando um que ali estava por um assalto homicida à mão armada sob a forma tentada na pessoa de um pai de família de Holice, todos se encontravam na sua companhia por causa do arquiduque.

O senhor Palivec ofendeu-se e disse que não estava ali por causa do parvo de um arquiduque qualquer, mas por causa do Imperador, nosso Senhor. E, como os outros começavam a interessar-se pela conversa, contou-lhes de como as moscas tinham andado a manchar-lhe o Imperador, nosso Senhor.

— Encheram-mo de imundice, esses monstros — finalizou o seu relato, — e acabaram por me meter no cilindro. Não vou perdoar isto às moscas — acrescentou em tom de ameaça.

Švejk foi novamente dormir, mas não descansou muito tempo, uma vez que vieram buscá-lo para o levarem ao interrogatório.

E assim, ao subir a escadaria para ser inquirido na 3.^a secção, Švejk levou a sua cruz ao topo do Calvário, sem que ele próprio se apercebesse do seu martírio.

Ao avistar uma inscrição dizendo que era proibido cuspir para o chão nos corredores, pediu licença ao guarda para cuspir no escarrador e, resplandecente com a sua simplicidade, entrou para o gabinete com as palavras:

— Meus senhores, um bom serão é o que a todos desejo.

Em lugar de uma resposta, alguém lhe enfiou a mão debaixo das costelas e o empurrou para a frente de uma secretária. Do outro lado estava sentado um senhor com uma gélida face burocrática e traços de uma ferocidade animalesca, como se tivesse acabado de sair do livro de Lomboros, *O Homem Delinquente*.

Lançou um olhar sangüinário a Švejk e disse:

— Deixe de fazer cara de estúpido.

— Não consigo evitar — disse Švejk com cara de caso. — Na tropa fui reavaliado por estupidez e uma comissão especial declarou-me oficialmente idiota. Sou um idiota oficial.

O senhor cuja tipologia correspondia à de um delinquente bateu os dentes:

1 Em alemão no original: *babacht*.

2 Em alemão no original: *Maul halten und weiter dienen*.

3 Imprecação utilizada em sérvio: «Que se foda a tua alma.»

— Aquilo de que é acusado indica que está na plena posse das suas faculdades intelectuais.

Em seguida, enumerou a Švejk todo um cardápio de crimes variados começando em alta traição e acabando no insulto de Sua Majestade e dos membros da casa imperial. A meio desse conjunto, destacava-se a aprovação do assassinio do arquiduque Ferdinando, de onde derivava um ramo de novos crimes, entre os quais refulgia o crime de agitação, uma vez que tudo se tinha passado num espaço público.

— O que diz a isso? — perguntou com ar vitorioso o senhor que apresentava os traços de uma ferocidade animalesca.

— É muita fruta — respondeu Švejk com cara de inocente. — Tudo o que é em excesso faz mal.

— Ainda bem que o reconhece.

— Eu reconheço tudo, tem de haver rigor, sem rigor ninguém chegava a lado nenhum. Como quando eu estava a cumprir o serviço militar...

— Cale o bico! — berrou o conselheiro policial na direcção de Švejk. — E fale quando lhe perguntar alguma coisa! Percebeu?

— Como é que não havia de perceber? — respondeu Švejk. — Declaro obedientemente que percebo e que consigo orientar-me em tudo o que fizer o obséquio de dizer.

— Então diga lá: com quem se relaciona?

— Com a minha mulher-a-dias, sua excelência.

— E nos círculos políticos locais, não tem nenhum conhecimento?

— Tenho, sim, sua excelência, costumo comprar o vespertino *Políticas e Cadelas Nacionais*¹.

— Rua! — gritou a Švejk o senhor de aspecto animalesco.

Enquanto o levavam para fora do gabinete, Švejk disse:

— Boa noite, sua excelência.

Depois de regressar aos seus aposentos, Švejk anunciou a todos os detidos que um interrogatório daqueles era uma brincadeira.

— Gritam um pouco convosco e no fim põem-vos a andar. Antigamente era pior — prosseguiu. — Em tempos li um livro onde se dizia que os acusados tinham de andar sobre ferro em brasa e beber

chumbo derretido para se chegar a uma conclusão sobre a sua inocência. Ou então metiam-lhes os pés na bota espanhola e esticavam-nos em cima de um escadote se não queriam confessar, ou queimavam-lhes os flancos com um archote dos bombeiros, como a São João Nepomuceno¹. Dizem que gritou como se o estivessem a matar e que não parou enquanto não o atiraram da Ponte de Elisabete² enfiado num saco impermeável. Houve mais casos desses, e depois ainda esquartejavam uma pessoa ou a empalavam lá para os lados do museu. E, quando só a atiravam para um calabouço e a deixavam à fome, uma pessoa sentia-se como que renascida.

» Hoje é uma brincadeira estar-se preso — continuou Švejk, a realçar o lado positivo da sua situação. — Nada de esquartejamentos, nada de botas espanholas, temos camas, temos mesa, temos um banco, não estamos uns apertados contra os outros, recebemos sopa, dão-nos pão, trazem uma jarra cheia de água, temos a latrina mesmo debaixo do nariz. O progresso faz-se sentir por toda a parte. É verdade que o caminho para o interrogatório é um bocado longo, temos de passar por três corredores e subir um andar, mas em contrapartida os corredores estão limpos e animados. Levam um para aqui, outro para ali, jovens e velhos, de sexo masculino e também de sexo feminino. Uma pessoa sente-se feliz, pois ao menos não está só por estas bandas. Cada um segue o seu caminho, satisfeito, e não tem de recear que no gabinete lhe digam: «Estivemos a deliberar e amanhã você vai ser esquartejado ou queimado na fogueira, de acordo com o seu desejo pessoal.» Seria certamente uma decisão difícil, e eu penso, meus senhores, que muitos de nós ficariam todos basbaques num momento assim. Pois é, hoje já a situação melhorou em nosso favor.

Mal tinha terminado a sua apologia das formas modernas de aprisionar os cidadãos, quando o guarda abriu a porta e exclamou:

— Švejk, vista-se e vá para o interrogatório.

— Eu vou vestir-me — respondeu Švejk, — não tenho nada contra isso, mas temo que haja algum engano. Já uma vez me puseram fora de um interrogatório. E depois também temo que os outros senhores que

¹ Prelado checo que foi torturado e atirado ao Vltava por ordem de Venceslau IV em 1398. Posteriormente canonizado, acabou por se tornar no símbolo da Contra-Reforma.

² Nome popular da Ponte do Imperador Francisco José I, construída em 1865-68 e desmantelada em 1947/48. Como é evidente, São João Nepomuceno não foi atirado desta ponte, construída mais de quinhentos anos depois da sua morte, mas sim da Ponte Carlos, onde até está assinalado o local do crime.

¹ Corruptela do título do jornal *Národní politika* («Política Nacional»), jornal diário conservador que existiu até 1945.

aqui estão possam ficar aborrecidos comigo por eu ir ao interrogatório duas vezes seguidas, ao passo que eles ainda não estiveram lá nem uma vez este serão. Poderiam ficar com ciúmes.

— Venha cá para fora e deixe-se de conversas — foi a resposta ao gesto cavalheiresco de Švejk.

Švejk foi novamente parar à frente do senhor de aspecto delinvente, que sem rodeios lhe perguntou de modo firme e determinado:

— Confessa tudo?

Švejk fixou os seus olhos azuis bondosos no homem implacável e disse em tom meigo:

— Se sua excelência deseja que confesse, confesso. Para mim não há mal que daí venha ao mundo. Se, pelo contrário, disser: «Švejk, não confesse nada», eu vou andar de subterfúgio em subterfúgio nem que me rachem ao meio.

O senhor severo escreveu qualquer coisa nas actas e, ao entregar a folha a Švejk, intimou-o a assinar.

E Švejk assinou a denúncia de Bretschneider, acompanhada pelo seguinte aditamento:

Todas as acusações contra a minha pessoa referidas em epígrafe baseiam-se na verdade.

JOSEF ŠVEJK

Depois de assinar, Švejk dirigiu-se ao senhor severo:

— Ainda devo assinar mais alguma coisa? Ou prefere que só venha cá amanhã de manhã?

— Amanhã de manhã vão levá-lo ao tribunal correcional — foi o que recebeu em jeito de resposta.

— A que horas, sua excelência? Não vá deixar-me dormir, por amor de Deus.

— Rua! — foi o berro que hoje pela segunda vez veio do outro lado da secretária, diante da qual Švejk se mantinha firme.

Ao voltar para o seu novo domicílio de grades nas janelas, Švejk disse ao guarda que o acompanhava:

— Aqui tudo funciona às mil maravilhas.

Logo que a porta se fechou atrás dele, os seus companheiros de prisão entulharam-no de diversas perguntas, às quais Švejk deu uma clara resposta:

— Acabo de confessar que provavelmente matei o arquiduque Ferdinando.

Seis homens enfiaram-se, horrorizados, debaixo das suas mantas cheias de pulgas, e só o bósnio disse:

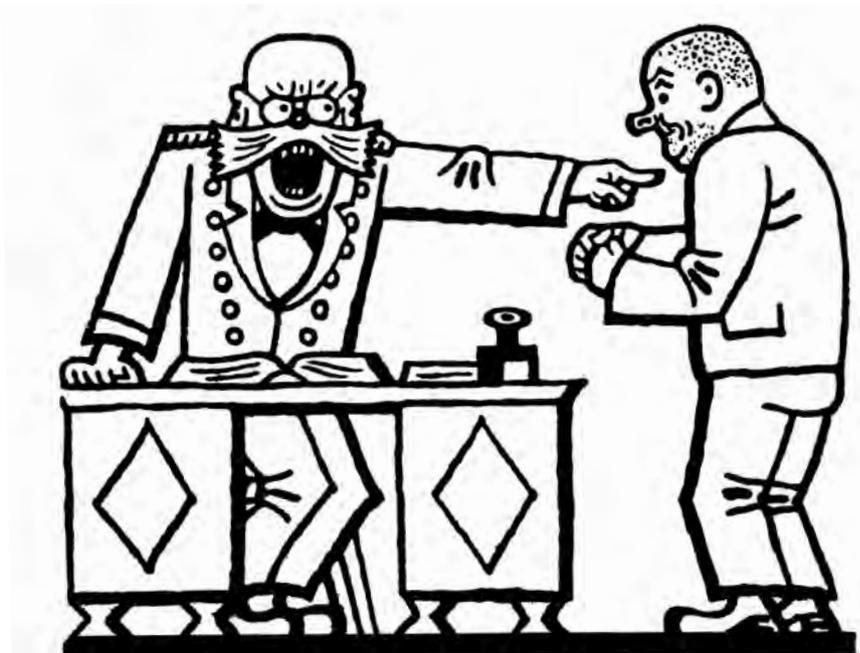
— Bem-vindos¹.

Ao deitar-se na cama, Švejk disse:

— É uma parvoíce não termos aqui um despertador.

De manhã acordaram-no, mesmo sem despertador, e às seis horas em ponto lá estavam a levar o Švejk na «ramona» para o tribunal correcional de estado.

— Madrugada e verás — disse Švejk aos seus companheiros de viagem, quando a «ramona» passava o portão do governo civil.



¹ Em bósnio no original: *Dobro došli*.

3.
Švejk perante os médicos-legistas

Os cubículos limpos e aconchegantes do tribunal de estado «com funções correcionais» provocaram em Švejk a mais favorável das impressões. As paredes impecavelmente caiadas, as grades pintadas de preto, assim como o gordo senhor Demartini, o chefe dos guardas na prisão preventiva, de divisas e debrum do chapéu em tom violeta. A cor violeta não é obrigatória só aqui, mas igualmente nos rituais religiosos da Quarta-feira de Cinzas e da Sexta-feira Santa.

Repetia-se a célebre história da dominação romana em Jerusalém. Os prisioneiros eram levados para o rés-do-chão e colocados diante dos Pilatos do ano da graça de mil novecentos e catorze. E os juízes de instrução, os Pilatos da nova era, em vez de honestamente lavarem as suas mãos, mandavam vir pimentos e cerveja de Pilsen do Teissig e entregavam autos de pronúncia em catadupa à procuradoria de estado.

Aqui, na maior parte dos casos, desvanecia-se toda a lógica e venia o §, sufocava o §, endoidecia o §, escumava o §, ria o §, ameaçava o §, e não conhecia perdão. Eram malabaristas de leis, comedores de letras de decretos-lei, devoradores de acusados, os tigres da selva austríaca que calibravam a forma como se lançavam sobre o acusado de acordo com o número dos parágrafos.

Eram excepção alguns poucos senhores (como era o caso no governo civil), que não levavam a lei tanto a sério, pois em todo o lado se encontra trigo no meio do joio.

Foi a um desses senhores que levaram Švejk para interrogatório. Um homem já de certa idade e de aspecto bondoso que em tempos, ao investigar o conhecido assassino Valeš, nunca se esquecera de lhe dizer: «Tenha a bondade de se sentar, senhor Valeš, calha estar aqui uma cadeira livre.»

Quando trouxeram Švejk à sua presença, pediu-lhe, com a gentileza que lhe era inata, que se sentasse, e disse:



— Ora, ora, então o senhor é o tal senhor Švejk?

— Eu penso — respondeu Švejk, — que devo sê-lo, atendendo ao facto de que o meu papá se chamava Švejk e de que a minha mamã era a senhora Švejková. Não lhes posso fazer a vergonha de renegar o meu nome.

Um sorriso amável aflorou o rosto do conselheiro judicial encarregado da instrução.

— O senhor fez das boas. Muita coisa lhe pesa na consciência.

— A mim sempre muita coisa me pesa na consciência — disse Švejk, sorrindo ainda mais amavelmente do que o senhor conselheiro judicial. — Pode dar-se o caso que a mim ainda me pesem mais coisas na consciência do que a sua excelência, se faz o obséquio.

— Isso vê-se pelo protocolo que assinou — disse o conselheiro judicial num tom nada menos amável. — Não o pressionaram de alguma forma na polícia?

— Qual pressionar, qual quê, sua excelência. Eu próprio lhes perguntei se devia assinar aquilo e, quando eles me disseram para assinar, dei-lhes ouvidos. Afinal, não vou andar à pancada com eles

por causa da minha própria assinatura. Isso certamente não ajudava o meu caso. O respeitinho é muito bonito.

— Senhor Švejk, sente-se completamente saudável?

— Completamente saudável não é caso para dizer, sua excelência senhor conselheiro. Tenho reumático, unto-me com opodeldoque.

O senhor de idade voltou a brindá-lo com um sorriso amável.

— O que diria se o mandássemos inspeccionar pelos médicos-legistas?

— Eu penso que comigo as coisas não devem estar suficientemente más para esses senhores perderem o seu tempo. Já me inspeccionou um médico qualquer no governo civil, a ver se não tinha gonorreia.

— Sabe, senhor Švejk, ainda assim vamos ver o que nos dizem os senhores médicos-legistas. Constituímos uma junta, como Deus manda, pomos o senhor em detenção preventiva, e entretanto o senhor descansa como deve ser. Agora ainda tenho uma pergunta: segundo o protocolo, o senhor andou a afirmar e a espalhar que agora, em breve, vai rebentar uma guerra?

— Se sua excelência, senhor conselheiro, me der licença, vai rebentar não tarda nada.

— E o senhor não sofre por vezes de uns acometimentos quaisquer?

— Se me der licença, não sofro de nada disso, só uma vez foi por pouco que não me acometeu um automóvel qualquer no Largo de Carlos, mas isso já foi há uma data de anos.

Foi assim que o interrogatório terminou. Švejk deu a mão ao senhor conselheiro judicial e, depois de voltar ao seu cubículo, disse aos vizinhos:

— Agora, por causa daquele assassinio do senhor arquiduque, vou ser inspeccionado pelos médicos-legistas.

— Eu também já fui inspeccionado pelos médicos-legistas — disse um jovem. — Foi daquela vez em que fui parar ao tribunal de primeira instância por causa de uns tapetes. Declararam-me imbecil. Agora, desviei uma debulhadora a vapor e nada me podem fazer. Ontem o meu advogado disse-me que, se fui declarado imbecil uma vez, tenho de tirar proveito disso pelo resto da minha vida.

— Eu não acredito nada nesses médicos-legistas — observou um homem de semblante inteligente. — Quando uma vez falsifiquei

umas letras, para todos os casos andei a frequentar as prelecções do doutor Heveroch e, quando me apanharam, simulei um paralítico exactamente a condizer com a descrição do doutor Heveroch. Mordi um médico legista da junta médica na perna, bebi a tinta do tinteiro e, com a vossa licença, meus senhores, caguei no canto, à frente da junta médica inteira. Mas, pelo facto de ter furado a barriga da perna de um deles com os meus dentes, declararam-me perfeitamente saudável, e eu estava perdido.

— Eu não tenho mesmo medo nenhum de ser inspeccionado por esses senhores — disse Švejk. — Quando estive na tropa, inspeccionou-me um veterinário, e as coisas passaram-se bastante bem.

— Os médicos-legistas são uns sacanas — fez-se ouvir um homem pequeno e encolhido. — Recentemente, por algum acaso, desenterraram no meu prado um esqueleto, e os médicos-legistas disseram que esse esqueleto foi assassinado com o impacto de um objecto contundente na cabeça, e que foi há quarenta anos. Eu tenho trinta e oito anos e estou preso, embora tenha a minha certidão de baptismo, o extracto do registo civil e o certificado de origem.

— Penso — disse Švejk — que devemos olhar para tudo pelo seu lado mais honesto. Cada um pode enganar-se, e até tem de se enganar mais quanto mais reflecte sobre alguma coisa. Os médicos-legistas são pessoas, e as pessoas têm os seus defeitos. Tal como uma vez em Nusle, precisamente junto à ponte sobre o Botič, veio ter comigo à noite um senhor, quando vinha da cervejaria O Banzetů, e atingiu-me na cabeça com uma piça de boi. Quando eu estava prostrado no chão, ele apontou-me a luz e disse: «Isto é um engano, não é ele.» E ficou tão chateado por se ter enganado, que ainda me deu mais uma nas costas. Isso já está assim feito na natureza humana, que uma pessoa se engana até à morte. É como esse senhor que encontrou à noite um cão com raiva meio gelado e o levou para casa e o enfiou na cama com a sua mulher. Mal o cão se aqueceu e arrebitou, mordeu a família inteira e dilacerou e comeu o mais novo, que estava no berço. Ou posso dar-vos o exemplo de como se enganou um torneiro que morava no nosso prédio: abriu com a sua chave a igrejinha da Podolí, porque pensava que estava em casa, descalçou os sapatos na sacristia, porque pensava que estava lá na cozinha deles, e deitou-se no altar, porque pensava que estava na sua cama, e cobriu-se com aqueles naperões

com as inscrições sagradas e debaixo da cabeça enfiou o evangelho e ainda outros livros sacros, para ter a cabeça bem elevada. De manhã encontrou-o o sacristão e ele disse-lhe com bonomia, depois de recuperar os sentidos, que era um engano. «Belo engano», disse o sacristão, «se por causa de um engano desses temos de voltar a mandar sagrar a igreja». Depois o torneiro lá estava, à frente dos médicos-legistas, e esses comprovaram-lhe que ele estivera perfeitamente imputável e sóbrio, porque se estivesse bêbedo não ia acertar com a chave na fechadura da porta da igreja. Depois esse torneiro faleceu em Pankrác. Também vos dou o exemplo de como em Kladno se enganou um cão da polícia, um pastor alemão desse conhecido capitão da cavalaria Rotter. O capitão da cavalaria Rotter fazia criação daqueles cães e efectuava experiências em vagabundos, a tal ponto que os vagabundos começaram a evitar os arredores de Kladno. Então deu ordens para que os guardas lhe trouxessem uma pessoa suspeita, desse por onde desse. Assim, trouxeram-lhe um indivíduo bastante bem vestido que tinham encontrado em cima do coto de uma árvore nas florestas de Lány. Logo mandaram cortar-lhe um canto do casaco, deram-no a cheirar aos seus cães-polícias da guarda e depois levaram esse homem para uma fábrica de tijolos fora da cidade e largaram cães treinados no seu encalço, e estes encontraram-no e trouxeram-no de volta. Depois, esse homem teve de subir ao sótão por um escadote, teve de saltar por cima de um muro, atirar-se ao viveiro de peixes, e os cães sempre a morderem-lhe as canelas. No final, ficou patente que esse homem era um deputado radical que tinha ido dar um passeio para as florestas de Lány depois de se fartar do parlamento. Por isso digo que as pessoas falham, que se enganam, sejam elas eruditos ou idiotas chapados sem o mínimo de instrução. Até os ministros se enganam.

A junta dos médicos-legistas que devia determinar se o horizonte mental de Švejk correspondia ou não a todos esses crimes que lhe eram imputados compunha-se por três senhores invulgarmente sérios, com opiniões tais que cada opinião de cada indivíduo se distinguia consideravelmente de qualquer das opiniões dos dois restantes.

Estavam aqui representadas três escolas científicas e opiniões psiquiátricas distintas.

Se, no caso de Švejk, se produziu um acordo total entre esses campos científicos antagónicos, tal pode clara e unicamente ser explicado pela impressão arrebatadora que Švejk provocou na junta médica quando, ao entrar na sala onde devia ser analisado o seu estado mental, exclamou, mal se apercebeu do quadro do potentado austríaco que estava pendurado na parede: «Meus senhores, que viva o imperador Francisco José I.»

O assunto estava absolutamente cristalino. Devido à expressão espontânea de Švejk, tornou-se desnecessária toda uma série de perguntas, ficando por responder apenas algumas das mais importantes, de acordo com o sistema do doutor psiquiatra Kallerson, do doutor Heveroch e do inglês Weiking.

— É o rádio mais pesado que o chumbo?

— Se me der licença, não o pesei — respondeu Švejk com o seu sorriso amoroso.

— Acredita no fim do mundo?



— Primeiro tinha de o ver, esse fim do mundo — retorquiu Švejk sem dar importância, — mas decididamente ainda não é amanhã que isso vai acontecer.

— Conseguiria calcular o diâmetro do globo terrestre?

— Se me der licença, lá isso não conseguiria — respondeu Švejk, — mas eu próprio também teria uma adivinha para os senhores: Há uma casa de três andares, e essa casa tem oito janelas em cada andar. O telhado tem duas trapeiras e duas chaminés. Cada andar tem dois inquilinos. E agora digam-me, meus senhores, em que ano faleceu a avó do contínuo?

Os médicos-legistas trocaram olhares repletos de significado; pelo sim, pelo não, um deles ainda fez a seguinte pergunta:

— Não sabe qual é a profundidade mais elevada do Oceano Pacífico?

— Se me der licença, não sei — foi a resposta, — mas penso que decididamente será maior que debaixo do rochedo de Vyšehrad, no Rio Vltava.

O presidente da junta perguntou sucintamente: «Chega?», mas um dos membros ainda pediu para colocar a seguinte questão:

— Quanto é doze mil e oitocentos e noventa e sete vezes treze mil e oitocentos e sessenta e três?

— Setecentos e vinte e nove — respondeu Švejk, sem pestanejar.

— Penso que isto chega perfeitamente — disse o presidente da junta médica. — Podem levar o acusado de volta à procedência.

— Muito obrigado, meus senhores — fez-se ouvir Švejk num tom respeitoso. — A mim isto também me chega perfeitamente.

Depois de ele ter saído, o colégio concordou que Švejk era um manifesto imbecil e um idiota, de acordo com todas as leis naturais inventadas pelos cientistas psiquiátricos.

O relatório entregue ao juiz de instrução dizia, entre outras coisas:

Os médicos-legistas abaixo assinados concluíram, pelo total embrutecimento intelectual e cretinismo inato de Josef Švejk, apresentado à junta médica referida em epígrafe, que se expressa com palavras como «Que viva o imperador Francisco José I», enunciado esse que chega perfeitamente para pôr em evidência o estado mental de Josef Švejk como sendo o de um manifesto imbecil. A junta abaixo assina-

da propõe, por isso: 1. que se archive a instrução do processo contra Josef Švejk, 2. que Josef Švejk seja transferido para ser observado numa clínica psiquiátrica de modo a averiguar em que medida o seu estado mental representa um perigo para o mundo que o circunda.

Enquanto este relatório era redigido, Švejk contava aos seus companheiros de cela:

— Marimbaram-se para o Ferdinando e conversaram comigo sobre parvoíces ainda maiores. No fim, dissemos uns aos outros que a conversa que tivemos nos chegava perfeitamente, e seguimos cada um para o seu lado.

— Eu não acredito em ninguém — observou a criatura pequena e encolhida, em cujo prado por acaso tinham desenterrado um esqueleto. — É tudo uma roubalheira.

— Mesmo a roubalheira tem de existir — disse Švejk, enquanto se deitava no colchão de palha. — Se toda a gente fosse bem-intencionada, não tardava que tudo acabasse à cacetada uns com os outros.

JAROSLAV HAŠEK

Terminou aqui o manuscrito Os Destinos do Bom Soldado Švejk durante a Guerra Mundial. Jaroslav Hašek morreu a 3 de Janeiro de 1923, com a idade de quarenta anos, deixando inacabado um dos mais célebres romances de sempre.

Nasceu a 30 de Abril de 1883, na região da Boémia, então pertencente ao Império Austro-Húngaro. O seu pai, um professor de matemática alcoólico e de escassos recursos, morreu tinha ele apenas treze anos. As dificuldades económicas da família obrigaram a que cedo começasse a trabalhar. Cedo também se revelaram tanto a sua propensão para uma vida excêntrica e libertina, como o desejo de viver da escrita. Antes de eclodir a guerra, Hašek contava já com vários artigos publicados na imprensa checa, bem como dezasseis volumes de contos.

Aos dezasseis anos, foi admitido numa escola de comércio, onde terá alcançado bons resultados, mas depressa partiu, sem um tostão no bolso, em viagens pela Morávia, pela Eslováquia, pela Hungria e pela Galícia. Vivia de pedir esmola, e confraternizava com ciganos, prostitutas e vagabundos, de quem recolhia ensinamentos e matéria literária. Por um breve e atribulado período, trabalhou como empregado bancário.

Foi desde cedo um defensor da independência checa e um crítico feroz do Império e dos alemães. Em 1897 participou nas revoltas de Praga contra a monarquia, e em 1906 juntou-se ao movimento anarquista. Sucederam-se episódios de confronto com a polícia e detenções. Em 1907, tornou-se director do jornal anarquista *Komuna*, e viajou pela província, onde procurava doutrinar trabalhadores fabris.

O seu casamento, em 1910, com Jarmila Mayerová, obrigou a inumeráveis esforços para «mudar de rumo», aumentando consideravelmente a sua produção escrita.

Em 1911, no jornal *Karikatury* (dirigido por Josef Lada), publicou as primeiras histórias onde surge o «Bom Soldado Švejk», personagem ainda não amadurecida, mas já com muitas semelhanças ao soldado destas aventuras.

Conhecido pelo seu carácter satírico e trocista — especialmente corrosivo para com a igreja católica —, Hašek simula um dia o suicídio, atirando-se da Ponte Carlos, no mesmo local onde se dizia que São João Nepomuceno fora atirado à água. A polícia encaminha-o para um manicómio, que lhe servirá de inspiração para as aventuras de Švejk entre os doentes lunáticos. Do mesmo modo, a curta

experiência do autor no negócio dos cães encontra-se bem presente na vida da sua célebre personagem.

O fim do seu casamento, de que nasceria um filho, assinalou o regresso à vida boémia, desconhecendo-se o seu paradeiro durante alguns anos.

Quando rebentou a guerra, Hašek vivia em casa de Josef Lada. Por esta altura, empreendeu o seu mais destemido embuste: deu entrada num hotel/bordel, onde se registou como sendo russo. O nome de hóspede, quando lido às avessas em checo, resultava em «Beijem-me o cu». A polícia cercou o local, acreditando tratar-se de um caso de espionagem, e Hašek justificou-se, dizendo que pretendia apenas verificar se as autoridades austríacas estavam devidamente alerta.

Em 1915, foi integrado no 91.º Regimento de Infantaria, em Budějovice, o mesmo regimento a que pertence o soldado Švejk. Aí pôde observar de perto a rotina e o discurso dos oficiais, dos soldados e de civis com quem se cruzaram. Com nomes reais ou inventados, eles surgem na narrativa deste romance, e servem de instrumento para o autor colocar na mais crua evidência os absurdos e a inutilidade da guerra. Foi sobretudo importante a relação de Hašek com o comandante da companhia, o tenente Lukáš, a quem dedicou uma série de poemas.

Jaroslav Hašek seguiu, de comboio e a pé, em direcção à frente de combate, na Galícia, viagem igualmente inspiradora para o livro. Pouco depois, a 23 de Setembro de 1915, foi feito prisioneiro pelos russos.

Apesar das duras condições de vida nos campos, Hašek depressa iniciou funções que o poupariam às privações mais severas, no escritório de um dos comandantes de campo. Em seguida, alistou-se nas Legiões Checoslovacas, formadas por oficiais e soldados de origem checa e eslovaca, sobretudo desertores e prisioneiros de guerra reconvertidos em «traidores» à causa austro-húngara. Colaborou no jornal *Čechoslovan*, publicado pela colónia checa em Kiev, para o qual escreveu a segunda série de histórias sobre Švejk, reunidas em livro no ano de 1917. Integrado na União de Associações Checas na Rússia, Hašek nunca foi um alinhado, causando grandes embaraços com o seu espírito subversivo e as suas opiniões independentes.

Depois da Revolução Russa, ingressou no Partido Bolchevique, assumindo diversos cargos políticos (secretário do Comité dos Comunistas Estrangeiros na cidade de Ufa, por exemplo) e, surpreendentemente, abandonando a bebida durante mais de dois anos.

Acedendo a um convite para assumir funções na sua terra natal, regressou à Boémia a 19 de Dezembro de 1920. Figura politicamente polémica, considerado um bolchevique e um bígamo (levava consigo uma nova mulher, russa), Hašek não conseguiu manter trabalho regular, e logo regressou a uma existência errante e ao alcoolismo do pré-guerra.

No começo de 1921 iniciou a escrita d'*O Bom Soldado Švejk*, e no Verão recolheu-se no campo, onde esperava encontrar sossego e inspiração para se concentrar no trabalho. A obra deveria estender-se por seis volumes, e o primeiro, em edição de autor, conquistou sucesso suficiente para despertar o interesse dos editores.

Antes de completar o quarto livro, Jaroslav Hašek adoeceu gravemente. Morreu a 3 de Janeiro de 1923.

JOSEF LADA

Nasceu a 17 de Dezembro de 1887 na vila de Hrusice, região da Boémia, numa família de sapateiros, mudando-se para Praga aos 14 anos, para se tornar aprendiz de encadernador. De um modo inteiramente autodidacta, desenvolveu as suas aptidões no desenho e criou um estilo muito próprio como caricaturista e ilustrador. Foi paisagista, desenhou figurinos e cenários para teatro e cinema, e produziu, ao longo dos anos, uma série de pinturas e desenhos representando as ocupações tradicionais checas.

Em 1921, Hašek pediu a Lada que lhe desenhasse uma capa para a compilação dos fascículos em que *O Bom Soldado Švejk* fizera a sua primeira aparição. Eram amigos desde 1907, e em 1911 Lada chegara a publicar algumas histórias humorísticas de Hašek no jornal *Karikatury*, que então dirigia. Este primeiro desenho para a capa, bastante diferente ainda dos que viriam a tornar-se famosos, foi a única imagem de Švejk que Hašek viu e aprovou. Só em 1924, um ano após a morte do escritor, foram encomendadas a Lada 540 ilustrações para o suplemento de domingo do diário checo *České Slovo*. Cada ilustração era acompanhada de um excerto do livro, adaptado do original pelo próprio Lada. Esta versão em «tiras» depressa se tornou tão popular, que levou a uma republicação do livro, com cerca de um quarto das ilustrações de Lada. O boneco de Švejk, no entanto, surgiu então transformado, parecendo-se cada vez menos com o soldado Strašlipka, do regimento a que Hašek pertencia e figura em quem provavelmente se inspirou, e cada vez mais ganhando o aspecto de uma típica personagem de Lada, com linha clara a grossos traços negros.

Os desenhos de Lada, apesar de nunca terem sido vistos por Hašek ou de pouco se assemelharem às figuras reais em que este último baseou as suas personagens, tornaram-se inseparáveis d'*O Bom Soldado Švejk*. Constituem uma caricatura bastante fiel da imagem que à época os checos tinham do oficialato austro-húngaro. Se é certo que Lada não poupou os oficiais austríacos, também foi pouco complacente com os seus conterrâneos. Nisso partilhava em absoluto a visão do próprio Hašek, insurgindo-se contra a glorificação romântica da história checa.

Josef Lada morreu em Praga a 14 de Dezembro de 1957.



Esta edição de

O BOM SOLDADO
ŠVEJK

foi composta em caracteres
Hoefler Text e impressa pela
Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book
de 70 g, numa tiragem
de 2500 exemplares,
no mês de Novembro
de 2012.